

Russo

Tradução: Tanira Castro

Anton Pavlovitch /tchekhov (1860-1904)

Médico, escritor, cronista e dramaturgo russo, autor das peças "As três irmãs", "Tio Vânia", "O jardim das cerejeiras"

Quem é o culpado?

Anton Pavlovitch Tchekhov

Tradução do russo e notas de Tanira Castro*

Meu tio Piotr Demiánitch, um conselheiro do colegiado, homem rancoroso e seco, muito parecido com um salmão defumado e estragado no qual tivessem enfiado um espeto, um dia estava se preparando para ir ao liceu onde dava aulas de latim, quando notou que a encadernação da sua Sintaxe estava roída por ratos.

- Ouça Prascóvia – disse ele, quando entrou na cozinha dirigindo-se à cozinha. – Desde quando apareceram ratos aqui em casa? Puxa vida, ontem roeram a cartola, hoje devastaram a Sintaxe... Puxa, daqui a pouco vão começar a comer a roupa!

- E o que posso fazer? Não fui eu que trouxe os ratos! – respondeu Prascóvia.

- É necessário fazer alguma coisa! Quem sabe tu podes trazer um gato, e então ele...

- Já temos um gato; mas para que é que ele serve?

Prascóvia apontou para um canto onde, enrolado que nem uma rosquinha em volta da vassoura, cochilava um gatinho branco, magro como um palito.

- Por que ele não serve para nada? Perguntou Piotr Demiánitch.

- Porque ainda é pequeno e bobo. Olhe, ainda não tem nem dois meses.

- Hum... Então é preciso ensiná-lo! Em vez de ficar deitado, melhor seria se estivesse aprendendo.

Dito isso, Piotr Demiánitch suspirou preocupado e saiu da cozinha. O gatinho levantou a cabeça, espiou-o preguiçosamente pelas costas e fechou os olhos de novo.

O gatinho não dormia, mas sim pensava. Em quê? Sem conhecer a vida real, sem ter nenhuma bagagem de impressões, ele só podia pensar de maneira instintiva e pitar a sua vida conforme as noções que recebera de herança, junto com a carne e o sangue de seus antepassados, os tigres (vide Darwin). Seus pensamentos tinham o caráter de devaneios sonolentos. Sua imaginação felina pintava algo como um deserto árabe, onde flutuavam umas sombras muito parecidas com Prascóvia, com a estufa da cozinha, com a vassoura. No meio das sombras, apareceu de repente um pires de leite; no pires, cresceram umas patinhas, ele começou a mover-se e mostrou a intenção de correr; o gatinho deu um pulo e,

num arroubo de volúpia sanguínea, cravou nele as garras... Quando o pires desapareceu numa neblina, surgiu um pedaço de carne, deixado ali por Prascóvia; a carne, com um miado covarde, correu para algum canto, no lado, mas o gatinho deu um pulo e cravou as garras... Tudo o que o jovem sonhador parecia ver tinha, como ponto de partida, pulos, garras e dentes... A alma alheia são trevas e a alma felina mais ainda, porém pode-se ver como as cenas que acabamos de retratar estão próximas da verdade por causa do seguinte fato: entregue aos seus devaneios sonolentos, o gatinho ergue-se de súbito, olhou para Prascóvia com olhos cintilantes, eriçou o pêlo e, após dar um pulo, cravou as garras na barra da saia da cozinheira. Não havia dúvida, ele nascera um matador de ratos, verdadeiramente digno de seus ancestrais sanguíneos. A fortuna o destinava a ser o terror dos porões, dos armazéns e dos celeiros, e se não fosse a educação... Mas não vamos nos adiantar.

Ao voltar do liceu, Piotr Demiánitch entrou numa venda e comprou uma ratoeira por quinze copeques¹. Na hora do jantar, prendeu no gancho um pedacinho do seu croquete e colocou a armadilha embaixo do sofá, onde ficavam jogados os trabalhos dos alunos, que Prascóvia usava para as necessidades domésticas. Exatamente às seis horas da tarde, quando o venerável latinista estava sentado à mesa corrigindo os cadernos dos alunos, de repente, debaixo do sofá ressoou um “clop”, e tão alto que o meu tio teve um sobressalto e deixou cair a caneta. Sem demora, foi até o sofá e pegou a ratoeira. Um rato pequeno e perfeito, do tamanho de um dedal, farejava a grade de arame e tremia de medo.

- A-há! – murmurou Piotr Demiánitch, e observava o rato com um ar tão maldoso que parecia estar prestes a lhe dar uma nota baixa. – Foi apanhado, seu bandido! Espere só, vou lhe dar uma lição por comer a minha Sintaxe!

Depois de se faltar de admirar a sua vítima, Piotr Demiánitch colocou a ratoeira no chão e gritou:

- Prascóvia, o rato foi capturado! Traga para cá o gatinho!

- Já vai! – gritou Prascóvia em resposta e, um minuto depois, entrou trazendo nos braços o descendente dos tigres.

- Que ótimo! – pôs-se a balbuciar Piotr Demiánitch, esfregando as mãos. – Vamos ensinar a ele... Coloque-o diante da ratoeira... Pronto, assim... Deixe que ele fareje e observe... Isso...

O gatinho, surpreso, olhava para o titio, para a poltrona, farejou a ratoeira com ar perplexo, depois, na certa assustado com a luz clara da lâmpada e com as atenções dirigidas a ele, teve um sobressalto e correu apavorado na direção da porta.

- Pare! – gritou o tio, agarrando-o pelo rabo. – Pare seu canalha! O palerma

* Tanira Castro - Doutora em Ciências Pedagógicas, área - Teoria e Metodologia do Ensino de LE, Universidade Federal de São Petersburgo, Professor Associado do Departamento de Línguas Modernas – Setor de Russo, Instituto de Letras - UFRGS.

¹ A moeda russa é o rublo (um rublo tem 100 copeques).

assustou-se com o rato! Veja: isso é um rato! Olhe bem! E então? Olhe, estou mandando!

Piotr Demiánitch segurou o gatinho pelo cangote e esfregou o seu focinho na ratoeira.

- Olhe bem, seu patife! Leve-o, Prascóvia, e prenda... Prenda na frente da portinhola da armadilha... Quando eu soltar o rato, tu também vai solta-lo imediatamente... Entendeu? Vai solta-lo na mesma hora! Está bem?

Titio estava com uma expressão misteriosa no rosto e levantou a portinhola... O rato saiu hesitante, farejou o ar e, como uma flecha, disparou para debaixo do sofá... O gatinho, libertado, ergueu a causa e correu para baixo da mesa.

- Fugiu! Fugiu! – começou a gritar Piotr Demiánitch, com uma fisionomia feroz. Onde está ele, o miserável? Debaixo da mesa? Espero só...

Titio puxou o gatinho de baixo da mesa e sacudiu-o no ar...

- Que canalha... – resmungava, enquanto puxava suas orelhas. Tome! Tome! Vamos ver se da próxima vez vai deixar escapar! Canalha...

No dia seguinte, Prascóvia ouviu de novo um brado:

- Prascóvia, o rato foi capturado! Traga para cá o gatinho!...

Depois do ultraje do dia anterior, o gatinho foi esconder-se debaixo da estufa e não saía de lá a noite inteira. Quando Prascóvia puxou lá debaixo e, após levá-lo para o escritório seguro pelo cangote, colocou-o na frente da ratoeira, ele tremeu todo o corpo e pôs-se a miar em tom queixoso.

- Bem, primeiro vamos deixar que ele se adapte! – ordenou Piotr Demiánitch.

- Deixe que observe e fareje. Vamos, observe e aprenda! Chega, é melhor que morra! – berrou, ao notar como o gatinho recuava da ratoeira. – Vou chicotear! Puxar as orelhas! É isso... Bem, agora o coloque diante da portinhola da ratoeira...

Titio levantou a portinhola lentamente... O rato sumiu bem debaixo do nariz do gato, esbarrou na mão de Prascóvia e correu para baixo do armário, enquanto o gatinho, sentindo-se solto, deu um pulo desesperado e escondeu-se debaixo do sofá.

- Deixou escapa mais um rato! – esbravejou Piotr Demiánitch. – E isso lá é m gato?! Isso é uma porcária, um lixo! Chicotear! Chicotear perto da ratoeira.

Quando o terceiro rato foi capturado, o gatinho, ao ver a ratoeira e o seu habitante, tremeu todo o corpo e arranhava as mãos de Prascóvia... Depois do quarto rato, titio perdeu a cabeça, deu um chute no gato e disse:

- Leve embora daqui essa porcária! Para fora de casa, hoje mesmo! Jogue em qualquer lugar! Esse lixo não serve para nada!

Passou um ano. O gatinho descarnado e débil transformou-se num gato sensato e respeitável. Certa vez, esgueirando-se pelos fundos da casa, ele seguia rumo a um encontro amoroso. Quando já estava perto do seu destino, ouviu de repente um sussurro e, em seguida, viu um rato que corria de uma tina de água para uma estrebaria... O meu herói eriçou os pêlos, arqueou a espinha, começou

a chiar e, depois de tremer todo o corpo, covardemente disparou fugindo.

Que pena! Às vezes, eu me sinto na ridícula situação do gato que fugiu. À semelhança do gato, na minha infância, eu tive a honra de aprender latim com o titio. Agora, quando acontece de eu ver uma obra da antiguidade clássica, em vez de me entusiasmar com avidez, começo a lembrar-me de *ut consecutivum*, dos verbos irregulares, do rosto cinzento-amarelado do titio, do *ablatus absolutus*... Empalideço, meus cabelos ficam em pé e, tal como o gato, precipito-me numa fuga vergonhosa.